

A HISTÓRIA DO IMPÉRIO OTOMANO A PARTIR DAS LENTES DA HISTÓRIA GLOBAL: UM DIÁLOGO COM MONIQUE SOCHACZEWSKI

The history of the Ottoman Empire from the lens of Global History: a dialogue with Monique Sochaczewski

João Júlio Gomes dos Santos Júnior ^a

 <https://orcid.org/0000-0003-2627-5558>

E-mail: joao.junior@udesc.br

^a Universidade do Estado de Santa Catarina,
Departamento de História, Florianópolis, SC, Brasil

Debate sobre o artigo "Por que é importante estudar história do Império Otomano?" de Monique Sochaczewski. Publicado em Revista Esboços: histórias em contextos globais, v. 32 (2025). DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2025.e106590>

Discussion on the article "Why is it important to study the history of the Ottoman Empire?" by Monique Sochaczewski. Published in Revista Esboços: histórias em contextos globais, v. 32 (2025). DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2025.e106590>

Há alguns anos eu tive o privilégio de escrever um artigo em parceria com a autora “apresentando” o campo mais geral de debates da história global para academia brasileira (Santos Júnior; Sochaczewski, 2017). Nós não fomos os primeiros a discutir essa abordagem (Barros, 2014; Marquese & Pimenta, 2015; Moreli, 2017), mas se o nosso artigo teve algum mérito, talvez tenha sido observar que, na variedade de abordagens e perspectivas concorrentes no campo acadêmico, seria possível extrair duas tendências gerais para essas abordagens tão díspares – as vontades de superar o nacionalismo metodológico e mitigar a perspectiva eurocêntrica.

O clima político e historiográfico desde a nossa contribuição conjunta sofreu inúmeras mudanças. Se antes havia um certo otimismo com a expansão e institucionalização da História Global em diversos circuitos acadêmicos – inclusive com a constituição do primeiro Programa de Pós-Graduação com uma área de concentração dedicada à História Global (UFSC), agora presenciamos o retorno dos nacionalismos; a ascensão da extrema direita; proliferação de fake news; obstáculos ao multilateralismo econômico; crises climáticas; atos de guerra, terrorismo e genocídio.

As leituras mais céticas questionaram se a história global já teria tido o seu momento (Aldeman, 2017). Nesse contexto não faltaram críticos que apontaram lacunas metodológicas da perspectiva global (Levi, 2018; Trivellato, 2023, 2024). Porém, mesmo com todos problemas e dificuldades inerentes dessa abordagem, que exige erudição e múltiplas competências linguísticas, a história global permanece relevante e pertinente historiograficamente, e seria mais necessária hoje do que nunca (Drayton; Motadel, 2018).

Em 2012, a editora Autêntica publicou o livro *Que horas são...lá, no outro lado? América e Islã no limiar da época moderna*, de autoria de Serge Gruzinski (2012) – uma tradução do original publicado em francês, em 2008. Nesse livro, o autor explora o olhar de dois intelectuais: de um lado, Heinrich Martin, um protestante alemão convertido ao catolicismo e que acabou na Cidade do México em meio ao período inquisitorial; de outro, um intelectual otomano anônimo, que passa a ser chamado de “Anônimo de Istambul”. Cada um dos personagens estava em um continente diferente, em contextos históricos distintos, mas de certa forma os seus escritos os conectaram.

Na América, no início do século XVII, Heinrich Martin acompanhava com interesse as notícias que chegavam da expansão do Império Otomano no oriente. De certa forma ele identificava o Islã com o principal adversário do catolicismo no mundo. Já em Istambul, no limiar do século XVI, o “Anônimo” alarmava-se com as notícias que chegavam da

“descoberta do Novo Mundo”, uma terra povoada por habitantes que estavam sendo convertidos para o catolicismo.

O deslocamento do olhar que Gruzinski propõe pode se encontrado no texto da autora – ao propor uma história do Império Otomano a partir do Brasil, eliminando o eurocentrismo. Há uma parte que ela destaca, por exemplo, que no século XIX já haviam cônsules do Império Otomano no Rio de Janeiro, o que reforça a ideia de uma consciência planetária otomana no mundo moderno – o que dialoga com a perspectiva de Gruzinski.

O artigo de Monique Sochaczewski reconhece a importância dos conflitos imperiais que atravessam toda história do Império Otomano, mas problematiza o olhar a partir de dimensões culturais, migratórias e religiosas. É interessante também perceber como a autora consegue superar a dependência de narrativas europeias sobre o mundo islâmico a partir do uso de fontes turcas e latino-americanas.

Em um mundo marcado por conflitos, especialmente no Oriente Médio, ler um texto que estabeleça conexões transcontinentais e transculturais, possibilitando uma análise conjunta do Império Otomano e o Brasil, é extremamente pertinente para buscarmos formas de narrar o passado que rompa com o eurocentrismo e as abordagens centradas apenas nos Estados-nações. Ao discutir as relações históricas entre o Império Otomano com o Brasil no século XIX, apresentar o Tratado de Amizade de 1858, a visita de D. Pedro II à região e apontar o fluxo imigratório para o Brasil de súditos otomanos, a autora estabelece ligações efetivas entre dois mundos aparentemente tão distantes.

A ferramenta analítica da comparação também é utilizada de forma significativa, ao comparar, por exemplo, os números de escravizados pelo Império Otomano – via tártaros da Crimeia – e o tráfico atlântico nos séculos XVI e XVII. Outro exemplo significativo é o tratamento dispensado aos judeus no Império Otomano e durante o período nazista. Esses paralelos se revelam úteis para relativizar modelos históricos dominantes e para ampliar o escopo de análise para além do Ocidente.

É evidente que esses exemplos são devidamente contextualizados em processos históricos mais amplos. No texto, os eventos históricos selecionados assumem funções explicativas das dinâmicas globais, como na relação estabelecida entre o cerco de Viena (1529) e o avanço do luteranismo como reação às indulgências vendidas pela Igreja Católica. Cabe ainda destacar o exemplo do início do Império Otomano, que se deu com uma liderança étnica tolerante; e também no seu ocaso, que ficou marcado pela ascensão dos nacionalistas “jovens turcos” no contexto da Primeira Guerra Mundial.



Essas análises são acompanhadas de debates conceituais. Esse é o caso da discussão sobre o conceito “turco-otomano” – que é didática ao opor a distinção entre uma identidade étnica e outra identidade imperial construída e inventada *a posteriori*, que se apropria da experiência passada para fins de legitimação. Da mesma forma, os conceitos clássicos de “ascensão” e “queda” do Império Otomano são devidamente ponderados em seus usos.

O texto da autora, portanto, poderia ser visto como uma aplicação dos 4Cs defendido por Diego Holstein – conexão, comparação, contextualização e conceituação (Holstein, 2015). Mas também não seria nenhum tipo de absurdo se pudéssemos fazer a análise do texto a partir das lentes da história global integrada, proposta por Sebastian Conrad (2019).

De acordo com a proposta de Conrad, a história global deveria investigar estruturas de integração, tais como os impérios, tecnologias, economia, cultura e biologia – destacando as formas pelas quais essas estruturas atuam em larga escala temporal. Ora, no artigo da autora o Império Otomano é avaliado por seu aspecto integrativo, capaz de unir três continentes por meios de redes políticas, religiosas, migratórias e comerciais. Nesse sentido, a própria diversidade de “um império multiétnico, multirracial, multireligioso e multilinguístico” se alinha a proposta analítica de compreender o Império como essa estrutura integradora.

As conexões analisadas são longas, profundas e superam as tradicionais narrativas que compartimentalizam o conhecimento histórico a partir das fronteiras nacionais. A discussão historiográfica problematiza noções de senso comum (que circunscrevem o Império Otomano no “mundo árabe” ou “islâmico”) e estabelece conexões com o Brasil e uma espécie de “relação Sul-Sul avant *la lettre*”. A história global integrada ainda diferencia a abordagem analítica da própria história da globalização, como um reflexo do processo histórico – e é exatamente assim que o texto estabelece o seu foco nas dinâmicas internas e na análise da estrutura imperial, ao invés de uma cronologia linear de processos históricos derivados da globalização.

Por fim, o artigo também lança mão de análises sincrônicas – uma das orientações analíticas propostas por Conrad (2019, p. 183). Esse é o caso, por exemplo, do século XVI com o cerco de Viena, a venda de indulgências e o processo de Reforma Protestante, que revelam integrações de processos religiosos e políticos; no século XIX, a sincronidade aparece com as reformas militares e administrativas do império otomano, em um movimento de reação em relação às competições imperiais; no século XX a sincronia aparece com fluxo migratório de súditos otomanos para o Brasil, no contexto de



desintegração do império no pós-Primeira Guerra Mundial e constituição da República da Turquia.

Portanto, mesmo que no título do artigo não tenha uma menção direta a história global, não há dúvidas que essa perspectiva está presente e atravessa toda concepção do texto. Poderíamos avaliar esse artigo a partir de diversas concepções historiográficas, desde a história conectada, a história cruzada, transnacional ou ainda história oceânica. Essa multiplicidade de perspectivas possíveis não significa fragilidade de método, mas ao contrário uma consciência de que um objeto pode ser lido de diversas maneiras, sem que uma forma seja melhor ou pior que a outra. O que a autora faz nesse texto é exatamente isso: ela oferece uma forma global de pensar o Império Otomano.

Por fim, também cabe apontar alguns caminhos que a autora poderia ter tomado para ampliar e globalizar ainda mais o seu argumento. Por exemplo, no final do texto a questão da emigração de súditos do Império Otomano é brevemente apontada. A autora corretamente destaca que durante o segundo reinado a imigração de súditos otomanos – mesmo que pertencentes a maioria cristã – não foi estimulada pelo governo brasileiro, por não se encaixarem no projeto de branqueamento implementado pela elite no período. No entanto, no contexto do fim da Primeira Guerra Mundial e instauração da República da Turquia, há uma emigração para o Brasil de súditos otomanos, inclusive de árabes.

Talvez fosse possível conectar esse importante fluxo migratório junto com outros do mesmo período (portugueses, espanhóis, alemães, italianos, japoneses, sírios e “outros”¹), destacando o processo global de migrações. A pergunta que caberia aqui é pensar quais dinâmicas imperiais e coloniais estavam em jogo para que acontecesse esse fenômeno. Além disso, também seria possível explorar as conexões entre empresas de colonizações responsáveis por viabilizar a entrada dessas pessoas no Brasil e quais as redes comerciais e imperiais que se beneficiaram com a essa mobilidade internacional.

Essas são apenas algumas questões possíveis, embora outras ainda pudessem ser adicionadas, tais como o papel das tecnologias como vetores de integração global; aprofundar as comparações com outros impérios; ou ainda o papel e influência de agentes não-humanos (plantas, doenças, animais e clima) (Domanska, 2024). É claro que todas essas questões são apenas sugestões e apontamentos para problematizar e fomentar o debate, pois a ausência desses pontos não diminui em nada a importância e relevância do artigo aqui discutido.

¹ Ver a estatística do IBGE para o início do século XX: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html> [acessado em 11 de novembro de 2025].

Finalizo ressaltando a importância, pertinência e qualidade do texto da autora – uma referência intelectual que foi recentemente agraciada com a Ordem de Rio Branco – a mais alta honraria concedida pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil em função das relevantes contribuições da autora para diplomacia brasileira².

Referências

- Aldeman, J. (2025, outubro 20). *Is global history still possible, or has it had its moment?* Aeon Essays. <https://aeon.co/essays/is-global-history-still-possible-or-has-it-had-its-moment>
- Barros, J. D. (2014). *História comparada*. Vozes.
- Barros, J. D. (2014). Histórias cruzadas: Considerações sobre uma nova modalidade baseada nos procedimentos relacionais. *Anos 90*, 21(40), 277–310.
- Conrad, S. (2019). *O que é a história global?* (T. Furtado & B. Cruz, Trad.). Edições 70.
- Domanska, E. (2024). *A história para além do humano* (T. Marino & H. Merlo, Trad.). Editora FGV.
- Drayton, R., & Motadel, D. (2018). Discussion: The futures of global history. *Journal of Global History*, 13(1), 1–21.
- Gruzinski, S. (2012). *Que horas são... lá, no outro lado? América e Islã no limiar da Época Moderna* (G. J. de F. Teixeira, Trad.). Autêntica.
- Holstein, D. (2015). *Thinking history globally*. Palgrave Macmillan.
- Levi, G. (2018). Micro-história e história global. *Historia Crítica*, 69, 21–35.
- Marquese, R., & Pimenta, J. P. (2015, abril 29). Tradições de história global na América Latina e no Caribe. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 8(17).
- Moreli, A. (2017, abril 17). Vida (e morte?) da história global. *Revista Estudos Históricos*, 30(60), 5–16.
- Santos Júnior, J. J. G. dos, & Sochaczewski, M. (2017, dezembro). História global: Um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, 23, 483–502.
- Trivellato, F. (2023, março 1). What differences make a difference? Global history and microanalysis revisited. *Journal of Early Modern History*, 27, 7–31.

² <https://www.cebri.org/br/midia/613/ordem-de-rio-branco-reconhece-contribuicao-de-pesquisadores-do-cebri-a-diplomacia-brasileira> [acessado em 11 de novembro de 2025].

Trivellato, F. (2024, maio 7). The paradoxes of global history. *Cromohs - Cyber Review of Modern Historiography*.

NOTAS

AUTORIA

João Júlio Gomes dos Santos Júnior: Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Mônica. CEP: 88035901 - Florianópolis, SC - Brasil

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: João Júlio Gomes dos Santos Júnior

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não teve uso de imagem.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© João Júlio Gomes dos Santos Júnior. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alexandre Busko Valim, Fábio Augusto Morales, Daniela Capri

HISTÓRICO

Recebido em: 28 de novembro de 2025

Aprovado em: 08 de dezembro de 2025

Como citar: Santos Júnior, J. J. G. dos. (2026). A história do Império Otomano a partir das lentes da história global: um diálogo com Monique Sochaczewski. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 33, 1–7. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2026.e110030>

